

# A ESTÉTICA DE JOSÉ RÉGIO

## A ARTE PELA ARTE OU A EXPRESSÃO DO ARTISTA

JOSÉ PEDRO R. MATOS FERNANDES\*

### A Arte pela Arte

Muitas vezes se tem dito que José Régio é um defensor da teoria estética que dá pelo nome de "Arte pela Arte". Devo então caracterizar em primeiro lugar o significado desta expressão que caracteriza o movimento estético. Começou por caracterizar um movimento literário que pretendia que a Arte tinha uma autonomia e uma independência próprias. Em 1837 Teófilo Gautier escreveu no prefácio de 'Mademoiselle de Maupin' um polémico artigo em favor da inutilidade da arte. A obra de arte é inteiramente gratuita. " Só é belo o que não pode servir para nada: tudo o que é útil é feio " diz-se nesse prefácio. Não pode haver nenhuma intenção utilitária na obra de arte, e, deste modo a arte é um fim em si mesma. Nesta altura a arte tinha uma função civilizadora, pensava-se. Ela estava pois ao serviço de uma ideia de progresso, de um ideal de justiça. Mas, diz Gautier, quando a arte estiver ao serviço de outra coisa que não seja a beleza, ela deixará de ser arte. A beleza não pode estar subordinada a um outro fim, porque se não deixará de ser beleza.

À primeira vista parecerá esta tese apoiada na estética Kantiana segundo a qual o prazer estético é inteiramente desinteressado. Mas os princípios da Arte

pela Arte são uma conclusão levada ao extremo dos ideais do Romantismo. Para estes a beleza não é propriamente uma categoria autónoma, mas antes a suprema actividade reveladora da verdade. " A poesia é o autêntico real absoluto " diz Novalis. A beleza não é um valor entre outros, mas absorve-os a todos, sendo como que a síntese perfeita de todos eles. Mas a hegemonização da beleza e da arte levam a uma contradição: pretendia-se, é certo, dar uma autonomia à arte, mas a arte era considerada a suprema realização do homem. Deste modo a arte ganhava uma certa função que era a de dar ao homem a sua realização e servir o desejo de imortalidade inerente ao homem. É neste contexto que José Enes diz que: " A arte pela arte, portanto, no seu sentido histórico, não passa dum fase na evolução da tese central do romantismo " (A Autonomia da Arte, pág. 102).

Como traços gerais deste movimento pode-se apontar então a independência da arte em relação às outras actividades do homem, tais como a moral, a política, a filosofia, etc. O belo é inteiramente gratuito e inútil.

Mas há ainda um outro aspecto da Arte pela Arte que se pode juntar a estes princípios: é o aspecto psicológico. Aqui também a arte está desvinculada dos critérios de avaliação tradicionais. O critério de avaliação da obra de arte tem que

\* Docente da ESE de Beja

estar referida apenas ao aspecto artístico, sem se atender aos critérios morais, religiosos, ou outros. O que caracteriza uma obra de arte não é o seu aspecto moral. Uma obra pode ser arte sendo moral ou imoral. É aqui que cabe integrar José Régio. Para este o que move o artista é a paixão. O conteúdo moral não é senão secundário em relação à essência da Arte. O aspecto psicológico é o que caracteriza a arte. A arte é uma expressão dum artista, e o que interessa é o momento criativo. Contra uma arte que pretenda ser moralmente edificante e contra uma arte que pretenda ser um discurso academicamente perfeito, opõe José Régio uma "literatura viva". "Em Arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima dum personalidade artística" (Páginas de Doutrina e Crítica da "Presença", pág. 17). A autonomia da arte fundamenta-se assim na independência do sujeito em relação a todos os valores. A arte revela-se numa expressão do artista. Por isso não se encontra em Régio uma 'ontologia' da beleza, mas sim uma estética baseada na expressão. Para se falar numa autonomia da arte ou numa "arte pela arte" na estética de José Régio há que manter uma certa reserva. A autonomia da arte é consequência da independência do sujeito, e o próprio artístico encontra-se na expressão. "Na teoria da comunicação está, portanto, o germe da filosofia de José Régio" (Álvaro Ribeiro, A Literatura de José Régio, pág. 291).

Passo então a analisar mais detalhadamente a estética deste autor.

### A Expressão Artística

Em dois polos simultâneos se fundamenta a teoria estética de José Régio: primeiro, "a arte é expressão"; segundo, "todo o grande artista é um grande

homem". Disse polos simultâneos, mas é certo que numa primeira fase do desenvolvimento deste poeta, foi acentuada mais a primeira definição. Começo pois por aí.

Toda a arte é expressão; (...) Aquém ou além da expressão, não há arte <sup>(1)</sup>. A arte é comunicação, é exteriorização. É uma produção. Se a arte é expressão, ela é expressão de um sujeito. Mas nem toda a expressão é artística. Há que distinguir então a expressão que é arte e aquelas que não chegam a ser arte ou que a ultrapassam. Há uma expressão imediata do sujeito, e como tal, pode-se chamá-la de "expressão vital". Esta é a directa exteriorização dos sentimentos de uma pessoa, tal como por exemplo, um grito de dor, um gesto instintivo, uma palavra do quotidiano, um sorriso, etc. Mas essa expressão não é ainda artística. É ainda imediata, primeira. Só quando há uma intencionalidade na expressão, só quando o sujeito "cuida" da sua expressão e mesmo a provoca, é que há expressão artística, ou melhor, só neste segundo nível de expressividade, é que é possível haver arte, porque não é qualquer expressão cuidada que é arte. Em primeiro lugar está pois a arte situada no nível de uma expressão mediata. A expressão vital e a expressão artística estão afastadas. A primeira não pode ser, não pode chegar a ser a segunda. A expressão artística tem qualquer coisa de jogo: o que a caracteriza é a intencionalidade. Há um elemento lúdico, de fingimento, quando o artista dá à sua expressão o carácter artístico. Não é a necessidade da emoção momentânea que faz com que o artista se exprima. O seu gesto é gratuito e livre. Não há espontaneidade. O artista não se exprime "por se exprimir mas para se exprimir" (pág. 18). O que o artista faz é controlar a sua expressão. A sua emotividade primária não se expõe directamente, não é uma manifestação informal. O artista é aquele que consegue dar, intencionalmente, uma forma especial a sua espontânea emotividade. Pode-se dizer então que a expressão se-

gunda, que a expressão artística é uma expressão da expressão vital. Em arte não há uma pura manifestação. A arte é uma imitação dessa manifestação primária que ocorre em todos os homens. Em resumo, a expressão artística pode-se caracterizar como sendo uma expressão mediata, segunda, intencional e coordenada, em relação à expressão vital. Não há arte enquanto se não interpu- ser um acto selectivo entre o sujeito e o produto da sua manifestação. Além dis- so pode-se falar numa, já que a expres- são artística é uma imitação da expres- são vital. " A expressão vital é espontâ- nea; a expressão artística não " (pág. 28).

Uma das comparações que José Régio faz é a da expressão mística com a artística. Será que não pode ser consi- derada como arte as obras literárias dos grandes místicos? Certamente que pode. Mas quando o místico exprime a sua vivência numa expressão artística já não é como místico que ele o faz. Se a sua obra é uma obra de arte é porque foi mediatizada. A expressão mística pri- meira imediata é dum outro nível que não o da comunicação. Não é durante o seu momento de extase que pode aparecer a obra de arte. Tal como todo o artista, o místico tem que mediatizar a sua expres- são. Pode-se perguntar se, por ins- piração, não haverá possibilidade de ha- ver uma expressão imediata. Mas, de qualquer forma, o místico precisa de "material" para se exprimir, e na procura desse "material" há já uma deliberação, uma escolha, e, portanto, uma media- ção. Quando o místico tem momentos de inspiração, de clarividência, de ilumina- ção, ele precisa, para se exprimir artísti- camente, de "interpretar", de traduzir essa sua vivência. " A considerarmos de inspiração tais estados e momentos místicos do artista, (...) deveremos acres- centar que aceitamos uma inspiração... de efeito posterior " (pág. 39). Quando al- guém pretende exprimir o seu entusias- mo ou a sua angústia, procede sempre a uma selecção, de modo a fixar a sua experiência para a comunicar. Por isso José Régio fala numa espécie de "trai-

ção" que o artista faz para com a vida. O artista precisa sempre de trabalhar a sua expressão, mas trabalhá-la a partir de uma autêntica experiência. O artista tem que parar na sua experiência, tem que de certo modo se distanciar dela, para deliberar como a vai transmitir. Esta é a sua 'traição'. Há dois momentos im- prescindíveis para a realização de uma obra de arte: o artista tem de se distan- ciar da sua expressão primária, e fazer como que um jogo, uma articulação en- tre o "material" de que dispõe; mas não pode perder o sentido da vida, isto é, não pode situar-se no nível da construção, pois a sua expressão não passaria de re- tórica, no seu sentido pejorativo. É pre- ciso descer à vida.

O problema da retórica também é aqui abordado. Já desde o princípio se poderia ter feito a acusação de que a de- finição da arte como sendo expressão le- varia a uma retórica. A essência da arte estaria colocada na expressão e não no expresso, no continente e não no conteúdo. Se o elemento propriamente artístico está na forma, sem importar o motivo, pode-se cair na justificação do barroquismo. Por isso é importante tra- tar agora da caracterização da expres- são segunda que a arte é. A retórica é de facto apenas uma simulação de arte. Não será a Arte pela Arte uma retórica? Já tínhamos visto que para José Régio a independência própria do artista se en- contra no próprio artista e não na bele- za em si. É na expressão que está a gra- tuidade da arte, e há arte quando apa- rece uma expressão que se baste por si própria. Na verdadeira obra de arte não há distinção entre fundo e forma. Esta distinção verifica-se apenas nas obras menores, e por necessidade de um arti- fício técnico de análise. Só num artista menor é que poderemos dizer que a sua forma é superior ao seu conteúdo, ou que a sua mensagem ultrapassa os seus dotes de expressão. A obra de arte é as- sim um ideal de perfeita e indissolúvel harmonia entre o expresso e a expres- são. " O que permite à expressão artísti- ca bastar-se e bastar-nos - é a sua difi-

culdade real de distinção entre fundo e forma "(pág. 57). Quando o artista consegue que a expressão esteja em íntima e quase necessária ligação com aquilo que ele quer exprimir, então ele realiza uma verdadeira obra de arte.

### A Arte como Expressão do Artista

Quando José Régio afirma que a arte é expressão parece entrar em contradição com a outra afirmação básica que está na base de toda a sua estética: todo o grande artista é um grande homem. Isto porque então a valorização de uma obra de arte se refere ao conteúdo expresso pelo artista. A arte está na expressão, fórmula que o poeta mantém, e pela qual se afirma que é na forma, sem importar o conteúdo, que se encontra a essência da arte. O fundo é apenas um pretexto para a expressão. Mas, tínhamos visto, o artista exprime-se com uma intencionalidade, e portanto, nunca a expressão pode estar desvinculada desse pretexto.

A expressão é expressão de qualquer coisa e de um autor. Ela é **expressão de**. A função que o artista desempenha numa obra de arte é a sua origem, o seu fundamento. A expressão é a manifestação do artista. E a presença do artista na obra de arte não pode ser vista como sendo o próprio conteúdo. Tanto o fundo como a forma são intenções do artista. É do artista que nasce a mensagem, e é o artista quem decide da forma que lhe há-de dar. Sendo assim, a realização de uma obra perfeita depende da capacidade do artista. Numa obra perfeita a unidade fundo-forma é idêntica à unidade entre a alma e o corpo num composto humano. "A obra de arte ideal é uma unidade que nos não permitiria decompô-la em expressão e coisa expressa"(pág. 93). Pode-se distinguir fundo e forma nos autores menores, mas nos grandes artistas não há distinção.

Então pode-se ver que a obra de arte é essa unidade para a qual se tende. Os grandes artistas são os que conseguem assumir a arte, ou seja, conseguem exprimir-se de tal modo que não há distinção entre expressão e expresso. Mas como o conseguem? José Régio não encontra outra resposta senão na inspiração. Mas o que seja essa inspiração, não há da parte do autor qualquer explicação. De qualquer modo, e voltando ao nosso problema, a realização da obra de arte perfeita é uma tendência que só os grandes artistas conseguem por vezes atingir. A arte é uma aproximação, um ideal. Por isso a obra de arte "pura" não existe. Toda a obra de arte é impura, e, mais ainda, todos os elementos que relevem de um espírito "rico", só beneficiam a obra. Os elementos não-artísticos, impuros, só trazem à obra um enriquecimento. "Impossível será enriquecer artisticamente a expressão sem riqueza ou enriquecimento do conteúdo"(pág. 98). A estética de José Régio aponta assim para uma arte humana. A arte é uma expressão transfiguradora da expressão vital e um jogo de intenções, onde o artista se desdobra numa eficácia entre os meios e os fins. Num trecho um pouco longo mas bastante expressivo, a propósito da espiritualidade da arte, diz José Régio em "António Botto e o Amor": "Mergulhe em que mergulhar as suas raízes, a arte realiza sempre, e pelos seus únicos meios enquanto arte, esta espiritualização do homem. E não é senão em virtude desta moralidade intrínseca da arte que as paixões infamantes e os vícios, as ideias falsas e o egoísmo, as inclinações doentias e todas as misérias da humanidade se redimem através da visão do artista que deles próprios se nutre como homem. Outra moralidade não devemos pedir à obra de arte"(pág. 31).

Podemos portanto concluir que a estética, na formulação de José Régio tem um carácter essencialmente subjetivo, radicando a verdade e beleza da arte na capacidade extraordinária que um artista tem de fundir a forma e o

conteúdo numa obra que descobre a personalidade do artista. É neste, na sua riqueza interior, na sua capacidade de descobrir e desvendar a ambiguidade misteriosa do mundo e do homem, o seu drama e o seu sentido, que se encontra a raiz da obra de arte. Similarmente à sua criação poética, em verso e em prosa, José Régio encontra a essência da arte no íntimo da pessoa, na sua irreduzível singularidade, povoada de histórias, sentimentos, receios e ideias, que se transportam para a escrita numa mensagem que atinge os outros homens, mas que no fundo são quase uma confissão de si mesmo. A obra de arte de um grande artista é resultado daquela simbiose "mágica" entre o espírito e a letra, mas é também vida da sua vida, ou seja, expressão vivida da mais "funda vida da sua alma".

## NOTAS

(1) Três Ensaios Sobre Arte, pag. 10. Todas as indicações da paginação que não tenham outra referência, referem-se a este volume.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- RÉGIO, José, *Três Ensaios Sobre Arte*, Porto, Brasília Ed., 1980  
 IDEM, *Páginas de Doutrina e Crítica da "Presença"*, Porto, Brasília Ed., 1977  
 IDEM, *António Botto e o Amor*, Porto, Livraria Progedior, 1938  
 RIBEIRO, Álvaro, *A Literatura de José Régio*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1969.  
 ENES, José, *A Autonomia da Arte*, Lisboa, União Gráfica, sd.

LEIA

**O GIRALDO**

**O  
SEU  
MENSÁRIO  
ALENTEJANO**

# TOYOTA HILUX



## UMA EQUIPA VITORIOSA EM TODOS OS TERRENOS

A HILUX tem um estilo muito próprio. Dotada de grande potência e conforto, é versátil, durável e fácil de manobrar em qualquer tipo de trabalho. É, ainda, uma excelente companhia de fim-de-semana.



A TOYOTA apresenta agora os modelos HILUX 4x2 e 4x4 em 6 versões disponíveis para maior facilidade de escolha: CABINA SIMPLES, CABINA EXTRA E CABINA DUPLA. Não há dúvida. HILUX é, cada vez mais, uma equipa vitoriosa em todos os terrenos.



JOSÉ CÂNDIDO CHÍCHARO & FILHO, LDA.

ESCRITÓRIO: Rua D. Afonso III - Telef. 22090/99 e 24789